



Internacionalização na Educação: o papel do Ifal na mobilidade acadêmica e seus impactos na formação dos estudantes

Internationalization in Education: the role of Ifal in academic mobility and its impacts on student development

Internacionalización en Educación: el papel del Ifal en la movilidad académica y sus impactos en la formación de los estudiantes

 **Carla Cristina Real Vieira de Andrade** E-mail: carla.vieira@ifal.edu.br

 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, Satuba, AL, Brasil



Resumo: Este artigo apresenta um recorte da Dissertação de Mestrado da autora, intitulada “Percurso estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas”, defendida em 2021 na Universidade o Minho [Uminho] em Portugal. O trabalho teve como objetivo investigar as experiências de mobilidade acadêmica internacional de sete estudantes do Instituto Federal de Alagoas [Ifal]. A análise se concentrou em evidenciar os conhecimentos adquiridos e o impacto que tiveram na formação acadêmica e pessoal dos participantes, além de identificar como as experiências adquiridas no exterior foram compartilhadas dentro do Ifal, buscando entender seu efeito sobre os estudantes e a instituição como um todo, embora os benefícios possam não ter sido uniformemente percebidos por todos.

Palavras-chave: internacionalização na educação; mobilidade acadêmica; experiências dos estudantes.

Abstract: This article presents an excerpt from the author's Master's Dissertation, entitled “Student pathways of international academic mobility: an exploratory study on the experiences of students from the Federal Institute of Alagoas”, defended in 2021 at the University of Minho [Uminho] in Portugal. The study aimed to investigate the international academic mobility experiences of seven students from the Federal Institute of Alagoas [Ifal]. The analysis focused on highlighting the knowledge gained and the impact it had on the participants' academic and personal development, as well as identifying how the experiences acquired abroad were shared within Ifal, seeking to understand their effect on both the students and the institution as a whole, although the benefits may not have been uniformly perceived by all.

Keywords: internationalization in education; academic mobility; students' experiences.

Resumen: Este artículo presenta un extracto de la Disertación de Maestría de la autora, titulada “Trayectorias estudiantiles de movilidad académica internacional: un estudio exploratorio sobre las experiencias de los estudiantes del Instituto Federal de Alagoas”, defendida en 2021 en la Universidad de Minho [Uminho] en Portugal. El trabajo tuvo como objetivo investigar las experiencias de movilidad académica internacional de siete estudiantes del Instituto Federal de Alagoas [Ifal]. El análisis se centró en evidenciar los conocimientos adquiridos y el impacto que tuvieron en la formación académica y personal de los participantes, además de identificar cómo las experiencias adquiridas en el extranjero fueron compartidas dentro del Ifal, buscando entender su efecto sobre los estudiantes y la institución en su conjunto, aunque los beneficios pueden no haber sido percibidos uniformemente por todos.

Palabras clave: internacionalización en la educación; movilidad académica; experiencias de los estudiantes.

Introdução

A mobilidade acadêmica internacional vem ganhando cada vez mais importância na formação de estudantes, oferecendo a eles a chance de ampliar horizontes educacionais e desenvolver habilidades interculturais e profissionais. No Instituto Federal de Alagoas [Ifal], essa prática tem sido incorporada como parte das estratégias institucionais, com o objetivo de proporcionar uma formação mais abrangente e preparar os alunos para os desafios globais.

Diante disso, este artigo busca contribuir para o entendimento do processo de internacionalização na educação e seus reflexos na formação dos estudantes.

Entender o que é internacionalização nas instituições de ensino favoreceu a compreensão de como a internacionalização é, ou deveria ser, nestes ambientes. A internacionalização é um fenômeno que envolve a integração de uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, pesquisa e extensão das instituições de ensino superior [IES]. Ela reflete um movimento estratégico que busca expandir as fronteiras do conhecimento e formar profissionais aptos a atuar em um contexto global. No entanto, embora seja um tema de crescente interesse, sua definição ainda é amplamente debatida, pois pode ser entendida de diferentes formas dependendo do contexto e dos objetivos institucionais.

No Brasil, o processo de internacionalização nas IES é relativamente recente e, apesar de avanços, enfrenta diversos desafios. A criação de políticas públicas que incentivam a cooperação internacional, como o programa Ciência sem Fronteiras, implementado entre 2011 e 2015 [Brasil, 2011a], foi um marco importante, mas ainda há lacunas significativas no que diz respeito à inserção internacional de muitas universidades, especialmente as localizadas em regiões periféricas ou com menos recursos. Além disso, a internacionalização no Brasil está frequentemente associada à mobilidade acadêmica, o que limita sua abrangência. Há uma necessidade crescente de se discutir formas mais inclusivas de internacionalização, que não se restrinjam à saída de estudantes para o exterior, mas que também envolvam a internacionalização "em casa", por meio de currículos que reflitam a diversidade global, de intercâmbios virtuais e parcerias institucionais que promovam o engajamento internacional sem que o estudante precise sair do país. Evidencia-se que o processo de internacionalização se desdobra em múltiplas camadas de compreensão, articulando-se às diretrizes e estratégias formuladas pelo governo, voltadas à formação de cidadãos com uma perspectiva global. No nível das instituições, observa-se como as práticas de internacionalização são integradas ao cotidiano acadêmico e como estas práticas afetam o desenvolvimento dos estudantes e, por fim, o aspecto individual, que neste estudo, foi o grande foco da pesquisa, concentrando nas experiências dos alunos que vivenciaram a mobilidade acadêmica internacional.

Este estudo se insere nesse contexto, investigando como a mobilidade internacional contribui para o desenvolvimento acadêmico, cultural e social dos alunos do Ifal, uma instituição localizada no Nordeste brasileiro, uma região historicamente marcada por desigualdades socioeconômicas. Nesse sentido, a pesquisa não apenas analisou as experiências dos alunos, mas também buscou compreender o impacto mais amplo da internacionalização em instituições que, como o Ifal, desempenham um papel fundamental na democratização do acesso à educação superior.

A literatura sobre o tema mostra que a colaboração entre universidades internacionais é uma prática antiga. O interesse em promover a troca de conhecimento entre estudantes e professores sempre foi forte, impulsionando o fluxo acadêmico entre diferentes países, daí pode-se enfatizar que a internacionalização é uma prática que contribui significativamente para o enriquecimento acadêmico e cultural. Ela fomenta a inovação, possibilita o desenvolvimento de redes globais de pesquisa e proporciona uma visão mais ampla das diversas realidades educacionais e científicas ao redor do mundo. Esta visão é apoiada por Stallivieri [2017a, p. 17], que escreve: "desde o início, as características cosmopolitas formaram as universidades e estudantes como peregrinos, desenvolvendo seus estudos e obtendo seus diplomas de diferentes instituições no caminho de volta para casa".

Altbach [2004] define internacionalização da educação superior como um conjunto de “políticas e programas específicos desenvolvidos por governos, sistemas e instituições acadêmicas [...] para lidar ou explorar a globalização.” Contudo, com o estudo do tema internacionalização, percebeu-se que este processo não acontece da mesma maneira e diferentes países. Nas nações mais desenvolvidas, a internacionalização é amplamente promovida por políticas públicas, com apoio tanto de agências governamentais quanto de universidades. Em contrapartida, nos países em desenvolvimento, a implementação dessas iniciativas enfrenta muitos obstáculos, pois as instituições, frequentemente, precisam lidar com prioridades sociais mais prementes que demandam atenção imediata.

Evidencia-se entre os alunos um grande interesse em estudar fora do país. Para muitos deles e, também, para as instituições de ensino, a mobilidade acadêmica internacional é o único meio conhecido de internacionalizar-se. Como ressalta Freitas [2009], a mobilidade pode se tornar uma “disposição interior”, quase uma ideologia, pela qual a estabilidade deixa de ser desejável. Além de novas experiências, fazer mobilidade acadêmica internacional traz um ganho importante de capital simbólico, como diria Bourdieu [2013], pois a vivência em outro país agrega prestígio e reconhecimento, abrindo portas tanto no campo acadêmico quanto no profissional. Para embasar este estudo, apoiou-se na teoria de Bourdieu sobre o capital simbólico especificamente no reconhecimento adquirido ao estudar no exterior. De acordo com o autor Bourdieu [2013, p. 113], “todo capital, sob qualquer forma que se apresente, exerce uma violência simbólica assim que é reconhecido, ou seja, desconhecido em sua verdade de capital, e impõe-se como autoridade exigindo reconhecimento”.

O conceito de internacionalização é complexo, uma vez que é preciso levar em consideração “o que é internacionalização” e “como a instituição de ensino estrutura suas políticas, práticas pedagógicas e colaborações internacionais”, garantindo que não apenas os conteúdos curriculares reflitam a diversidade global, mas também que o processo de aprendizagem seja inclusivo e adaptado às diferentes realidades culturais. Os autores De Wit e Hunter [2015, p. 29] inferem que a internacionalização precisa ser mais acessível e não apenas focar na mobilidade acadêmica, “o componente “no exterior” (mobilidade) precisa se tornar uma parte integrante do currículo internacionalizado para garantir a internacionalização para todos, não apenas para a minoria móvel”.

É necessário ampliar o debate sobre as diferentes formas de internacionalização, sobretudo dando destaques aos programas nacionais, de como o processo de internacionalização ocorre nos institutos federais e, por fim, como o Ifal conduz o processo. Nesta contextura, a pesquisa intencionou analisar se a internacionalização está inserida na estratégia institucional, se as ações geram vantagens para a instituição, e como todo o processo envolve a participação de estudantes, professores, equipe técnica e a administração trazendo um panorama abrangente da internacionalização no Brasil, assim como no âmbito dos institutos federais e, especificamente, na instituição alvo.

A pesquisa foi realizada, apresentando os procedimentos metodológicos adotados em um estudo de caso. Explicam-se as etapas da coleta de dados, que envolveu a aplicação de questionários estruturados tanto aos sete alunos participantes quanto a um representante da instituição alvo. A metodologia utilizada permitiu uma análise detalhada das percepções e experiências dos envolvidos, proporcionando uma visão abrangente do contexto investigado. Além disso, os questionários serviram como ferramenta-chave por sua capacidade de captar opiniões diversas e proporcionar uma compreensão profunda sobre os desafios e as oportunidades identificadas no cenário estudado.

Sem a pretensão de ser definitivo, o presente estudo visa contribuir de maneira significativa para o campo de estudos. Em vez de encerrar o debate, a conclusão busca promover novas reflexões e incentivar discussões futuras, oferecendo uma base para pesquisas subsequentes dentro desse segmento. Assim, os resultados obtidos têm o potencial de fomentar investigações adicionais e influenciar práticas que aprofundem o debate acadêmico e prático sobre o tema explorado.

Internacionalização na Educação: conceitos e perspectivas

A internacionalização da educação no Brasil traz para o sistema de ensino uma perspectiva global, facilitando o intercâmbio de conhecimentos, culturas e práticas com outros países. Esse movimento acontece por meio de políticas e iniciativas que têm como objetivo preparar tanto os estudantes quanto as instituições para um mundo cada vez mais interconectado e cheio de novos desafios. Não é um movimento novo, pelo contrário, a tradição de colaboração acadêmica no ensino ao longo da história e o escambo de saberes serviram como impulso para o avanço educacional e ajudaram a dar à universidade um caráter internacional desde o seu surgimento.

Quanto à definição do termo “internacionalização”, recorre-se a vários autores, como Morosini [2019, p. 13], “a internacionalização é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global”, também como apresenta Knight [2003, p. 2, tradução livre da autora] “processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções ou serviços da educação superior”. Não obstante, outros autores exemplificam diversas maneiras que o processo de internacionalização pode ocorrer nas instituições de ensino. Wachter [2003] defende a “internacionalização em casa” [*internationalization at home*], Hudzik [2011] propõe uma “internacionalização abrangente” [*comprehensive internationalization*] e Leask [2014], a “internacionalização do currículo” [*internationalization of the curriculum*]. Esses estudiosos permitiram entender a importância deste processo que deve ser compreendido o quê, como, o porquê e para quem a instituição de ensino deve promover a internacionalização, de modo a expandir horizontes, atender às demandas globais e integrar a comunidade acadêmica em um contexto internacional.

Muito mais importante que conhecer as diversas maneiras do processo de internacionalização que uma instituição de ensino pode percorrer, é entender que a internacionalização na educação demanda uma abordagem mais holística, focada em processos que buscam aprimorar a qualidade do ensino superior e desenvolver as habilidades de alunos e toda a comunidade acadêmica [De Wit, 2011]. Neste caminho, o autor em destaque alerta para os erros cometidos nesses processos, resultantes de práticas isoladas e desconexas nas instituições educacionais, são eles: 1) disciplinas ministradas em inglês em detrimento a outras línguas estrangeiras; 2) priorizar a mobilidade acadêmica como foco principal da internacionalização; 3) conteúdos ou programas internacionais não são sinônimos de internacionalização; 4) ter grande número de estudantes estrangeiros não é equivalente a ter uma instituição internacionalizada; 5) ter poucos estudantes estrangeiros pode desmotivar os alunos a aprenderem uma segunda língua; 6) adotar a mobilidade acadêmica como única forma de aquisição de competências interculturais; 7) fazer muitos acordos com instituições estrangeiras não é a chave para ser uma instituição internacionalizada; 8) pressupor que a internacionalização chega naturalmente na instituição de ensino; 9) entender que a internacionalização deve ser encarada como um objetivo próprio, e não apenas como uma ferramenta para atingir outros fins [De Wit, 2011, tradução livre da autora].

Durante os estudos que subsidiaram a elaboração da dissertação em evidência, as formas de implementação da internacionalização apresentadas por Stallivieri [2017a, 2017b] tornaram mais evidente como uma instituição de ensino pode promover esse processo, seja por meio de pesquisas colaborativas entre pesquisadores ou de programas de cooperação internacional. Stallivieri [2017b, p. 105] menciona ainda que a mobilidade acadêmica internacional pode ser de maneiras diferentes, destacando “semestre no exterior [*exchange program* e *study abroad*], duplo diploma [*double degree*], programas conjuntos [*joint programs*], programas de verão [*summer programs*], programas de curta duração [*short term programs*], programas de línguas estrangeiras [*foreign language programs*], atividades isoladas [*free activities*], estágios acadêmicos [*internships*], trabalhos voluntários [*work programs*]”.

Continuando com o tipo de mobilidade acadêmica internacional, é importante pontuar que esta pode ser *outgoing*, que ocorre quando o aluno realiza seus estudos em uma instituição estrangeira, e *incoming*, que se refere ao recebimento de estudantes de outros países pela instituição. Para Stallivieri [2017b, p. 101], a mobilidade pode ser vertical, que tem a ver com questões econômicas, como estudantes de nações com menos recursos que vão para países mais desenvolvidos e quanto a extensão dos programas, em que o aluno, frequentemente, passa toda a formação no exterior. A autora sinaliza, também, a mobilidade horizontal que está relacionada a intercâmbios de curta duração, em que as instituições envolvidas têm níveis mais semelhantes.

A internacionalização acontece de maneira mútua; contudo, é evidente que uma grande parte dos estudantes do hemisfério sul migra para o norte em busca de suprir necessidades fundamentais em países em desenvolvimento como a aquisição de conhecimento técnico, científico e o acesso a oportunidades educacionais de qualidade que muitas vezes são escassas em seus países de origem. Esse movimento ressalta o domínio que as nações do hemisfério norte exercem sobre esse processo. Embora o fluxo de estudantes possa ser bidirecional, há uma notável assimetria nas condições que motivam e facilitam a mobilidade.

No hemisfério norte, sobretudo em países desenvolvidos da Europa e da América do Norte, as universidades contam com maior financiamento, melhores infraestruturas, programas de pesquisa de ponta e redes internacionais mais consolidadas. Esses fatores tornam essas instituições altamente atraentes para estudantes do hemisfério sul, que muitas vezes veem a experiência no exterior como uma oportunidade não apenas de melhorar suas qualificações acadêmicas, mas também de ampliar suas perspectivas profissionais. Estudar em uma instituição renomada do hemisfério norte pode agregar um valor simbólico significativo ao currículo do estudante, conforme argumenta Bourdieu [2013], proporcionando acesso a redes de prestígio e reconhecimento no mercado de trabalho global.

Essa busca por oportunidades no hemisfério norte também reflete a histórica relação desigual entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Os países do hemisfério sul, muitas vezes, enfrentam desafios estruturais que dificultam o desenvolvimento de um sistema educacional robusto e internacionalmente competitivo. Problemas como a falta de financiamento adequado, a precariedade nas condições de trabalho dos docentes e a ausência de incentivos para a produção científica criam barreiras que limitam a internacionalização de suas instituições de ensino. Como resultado, a mobilidade acadêmica de estudantes do sul global tende a ser mais focada na “busca” por recursos e qualificações que eles não conseguem acessar em seus países de origem, enquanto os estudantes do norte global frequentemente veem a mobilidade como uma experiência de enriquecimento cultural ou um complemento à sua formação, e não uma necessidade básica para seu desenvolvimento profissional.

Além disso, a migração acadêmica do hemisfério sul para o norte também evidencia o fenômeno conhecido como "fuga de cérebros" (*brain drain*), em que muitos talentos formados em países em desenvolvimento acabam por se estabelecer em países desenvolvidos, contribuindo para o progresso científico e econômico desses países, enquanto suas nações de origem continuam a sofrer com a escassez de profissionais qualificados. Segundo [Artuç *et al.* \(2014, tradução nossa\)](#), "nossa análise mostra que a migração para países não pertencentes à OCDE aumentou em um ritmo mais lento [+23%] do que a migração para a OCDE [+39%] entre 1990 e 2000". Esse desequilíbrio de fluxos e de poder entre as regiões perpetua a dependência das nações do hemisfério sul em relação ao conhecimento e à tecnologia produzidos no norte global, o que, por sua vez, dificulta a autonomia acadêmica e tecnológica dos países em desenvolvimento.

Essa relação desigual entre norte e sul no contexto da internacionalização também reflete uma visão hegemônica de conhecimento, na qual as universidades do hemisfério norte são vistas como "centros de excelência" e, muitas vezes, determinam os padrões globais de qualidade acadêmica. Isso pode limitar o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos locais e regionais produzidos no hemisfério sul, reforçando a ideia de que o "verdadeiro" conhecimento é aquele que é validado por instituições do norte global. Nesse sentido, a internacionalização, embora tenha o potencial de promover intercâmbios mais equitativos, muitas vezes acaba reproduzindo desigualdades históricas e econômicas entre o hemisfério norte e o sul.

Portanto, embora a internacionalização seja uma via de mão dupla, o fluxo de estudantes do hemisfério sul para o norte é marcado por motivações e realidades distintas, que revelam a assimetria de recursos e oportunidades entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Isso reforça a necessidade de se repensar as políticas de internacionalização, buscando formas de tornar o processo mais equilibrado e mutuamente benéfico, tanto para os estudantes quanto para as instituições envolvidas.

Em relação ao exposto, junta-se ao entendimento as concepções de [Stallivieri \(2019\)](#) ao enfatizar que, mais do que compreender apenas as definições da internacionalização, é crucial levar em conta três áreas principais: os fatores relacionados ao contexto, à infraestrutura, e às pessoas envolvidas. No que tange ao contexto, a autora aborda a relevância da posição geopolítica das instituições de ensino superior, destacando o impacto que as políticas governamentais exercem sobre elas. Ela também sublinha a necessidade de que as parcerias internacionais sejam equilibradas, promovendo uma troca justa, com maior atenção à cooperação entre países do hemisfério sul, muitas vezes negligenciada em comparação com os países mais desenvolvidos. Quanto aos fatores de infraestrutura, Stallivieri aponta que a internacionalização depende de financiamento adequado, do incentivo para que os pesquisadores se engajem em colaborações globais, e da existência de um departamento institucional específico para coordenar essas ações, garantindo que elas façam parte de uma estratégia global e não dependam apenas de iniciativas isoladas. No nível individual, embora a internacionalização seja um processo coletivo, ela requer que os envolvidos possuam certas qualidades, como a habilidade de falar outros idiomas, a participação em pesquisas internacionais e a capacidade de construir relacionamentos duradouros com acadêmicos de outros países, todos esses aspectos sendo essenciais para o sucesso dessas iniciativas.

Internacionalização no Brasil: um processo complexo e desigual

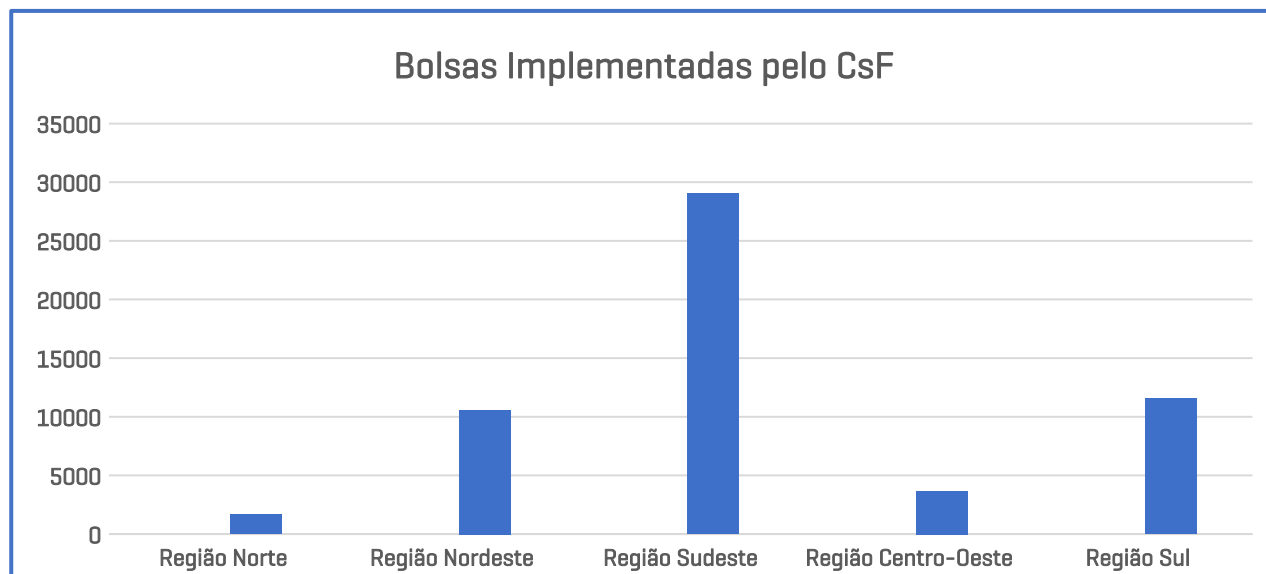
Ao estudar o tema da internacionalização, percebeu-se que há diversas formas pelas quais esse processo pode ocorrer dentro de uma instituição de ensino. No entanto, muitos equívocos podem comprometer tanto a compreensão quanto o sucesso das iniciativas propostas. No Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação, tem a responsabilidade de gerir a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todo o território nacional. Além disso, ela é a principal responsável pela implementação dos programas nacionais de internacionalização, atuando como o órgão que supervisiona esse processo nas instituições de ensino superior e garante a avaliação e acompanhamento dessas iniciativas (Brasil, 2011a). Embora cada instituição possa ter seu próprio programa de internacionalização, devido ao alto custo financeiro, muitas recorrem a programas nacionais que sejam capazes de atender às necessidades e preencher as lacunas existentes no processo de internacionalização.

Um dos mais renomados programas nacionais de internacionalização na educação brasileira foi o Ciências sem Fronteiras (CsF), instituído em 2011 pelo Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011 (Brasil, 2011b). O programa surgiu a partir de uma parceria entre o Ministério da Educação, através da CAPES, e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, por intermédio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). De acordo com informações obtidas pela autora por meio do Fala.BR¹ o programa Ciências sem Fronteiras foi suspenso em 2017 devido a cortes nos gastos públicos e, posteriormente, revogado pelo Decreto nº 9.784, de 7 de maio de 2019 (Brasil, 2019). Além disso, dados financeiros revelam que o programa concedeu um total de 33.697 bolsas de estudo, com um investimento de R\$ 3.241.161.741. Apesar de suas ambições, o CsF recebeu críticas significativas da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, principalmente em função dos altos custos envolvidos no envio de estudantes ao exterior, além da insuficiente proficiência dos alunos em línguas estrangeiras, o que comprometeu o pleno aproveitamento das oportunidades. Em resposta a essa lacuna, foi criado o programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) (Brasil, 2016, p. 18), com o objetivo de aprimorar a capacitação linguística dos estudantes em diferentes idiomas.

Outro dado fornecido pelo Fala.BR refere-se à distribuição regional das bolsas concedidas aos estudantes. A pesquisa aponta que a maior parte dos beneficiados era da região Sudeste, seguida pela região Sul, enquanto o Nordeste, o Centro-Oeste e o Norte apareceram em ordem decrescente. Como se pode observar, mesmo em um programa de abrangência nacional, as regiões Sudeste e Sul receberam maior investimento. Essa desigualdade na distribuição é evidenciada no gráfico elaborado pela autora (Figura 1).

¹ Segundo informação obtida pela Fala.BR- Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à informação recebida em 01/07/2021 através de e-mail pessoal.

Figura 1. Bolsas Implementadas pelo CsF de acordo com as regiões do Brasil



Fonte: Planilha contendo as informações solicitadas no âmbito do SIC 7461/2021-17, referentes aos bolsistas Capes do Programa CsF

Outro indicador importante para medir a internacionalização de um país é o número de artigos científicos publicados em periódicos internacionais. Nesse aspecto, de acordo com [Andrade \(2021\)](#), com base em dados do Scimago Journal Country Rank², o Brasil destacou-se em 2020, alcançando a 14ª posição no *ranking* global, um desempenho considerado positivo. Esse resultado demonstra que a internacionalização não se resume apenas à mobilidade acadêmica, mas também abrange a produção e disseminação de conhecimento em nível global.

A Internacionalização nos Institutos Federais: dificuldades e caminhos para o fortalecimento

Como foco da pesquisa para a dissertação ora mencionada foram os estudantes do Ifal, fez-se necessário compreender como a internacionalização ocorre nessas instituições de ensino, a fim de traçar o caminho do processo de internacionalização e identificar os principais desafios, estratégias adotadas e o impacto gerado nas experiências acadêmicas e profissionais dos envolvidos.

O Fórum de Relações Internacionais [Forinter] e a Câmara de Relações Internacionais do Conselho de Reitores dos Institutos Federais [Conif] são os órgãos responsáveis por impulsionar a internacionalização nos Institutos Federais. Ambos entendem esse processo como uma ferramenta para o fortalecimento institucional e o compartilhamento de boas práticas [[CONIF, 2018](#)], promovendo maior integração e inovação nas instituições.

Em 2017, foi composto um grupo de trabalho, para mapear as ações de internacionalização através dos seguintes eixos: mobilidade; acordos/*MOUs* [*Memorandum of Understanding*; em português, Memorando de Entendimento]; projetos com cooperação internacional; idiomas; investimento/financiamento; estrutura de escritórios; comunicação/divulgação dos dados/indicadores internacionais; participação em eventos e missões internacionais; normativas e regulamento relacionados à internacionalização

² Scimago Journal Rank é uma classificação de instituições acadêmicas e relacionadas à pesquisa medidas por um indicador que combina três conjuntos diferentes de indicadores com base no desempenho da pesquisa, resultados de inovação e impacto social determinado por sua visibilidade na *web*. Este indicador mostra a visibilidade dos periódicos contidos na base de dados Scopus[®] de 1996.

[Brasil, 2018, p. 7]. O grupo estabeleceu a criação das políticas de internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT) e, em seguida, a elaboração e implementação de uma plataforma para gerir os processos de internacionalização.

Os resultados dessa pesquisa contribuíram significativamente para a elaboração da dissertação, ao proporcionar uma compreensão mais ampla das diretrizes adotadas pelos institutos federais. Essa análise foi essencial para contextualizar as atividades de internacionalização no Instituto Federal de Alagoas, que foi o foco da pesquisa. A partir dessas diretrizes, foi possível situar as iniciativas de mobilidade acadêmica dentro do cenário educacional da instituição, possibilitando uma reflexão crítica sobre as políticas institucionais e seus impactos nas experiências dos estudantes envolvidos.

Desde o início, ficou evidente a existência de uma lacuna significativa no que diz respeito à documentação formal que define as diretrizes de internacionalização na instituição. Segundo a pesquisa [Brasil, 2018], apenas 29% das unidades possuem a devida documentação, enquanto a grande maioria, representando 71%, não conta com esses registros oficiais. Essa ausência de regulamentação adequada pode gerar desafios na implementação e consolidação das práticas de internacionalização, comprometendo a uniformidade e o acompanhamento das iniciativas, além de limitar o acesso dos estudantes a oportunidades internacionais de forma estruturada e organizada.

Outro aspecto abordado pela pesquisa [Brasil, 2018], conduzida por este grupo, foi a mobilidade acadêmica *incoming* [entrada] e *outgoing* [saída]. No que se refere à mobilidade *incoming*, constatou-se que a maior parte dos docentes recebidos pelas instituições foram oriundos da França, devido ao programa de leitores de francês promovido pelo Conif, o que reforça a relevância dessa parceria para o intercâmbio de conhecimento e cultura. Em relação ao setor estudantil, 64% dos institutos federais relataram o recebimento de estudantes internacionais, enquanto apenas duas instituições receberam técnicos administrativos, o que revela um menor envolvimento dessa categoria no processo de internacionalização.

No contexto da mobilidade *outgoing*, tanto docentes quanto estudantes optaram em sua maioria por Portugal como destino principal. Foram 451 docentes e 493 estudantes enviados para instituições portuguesas, superando, em número, todos os outros destinos. Esses dados indicam uma forte preferência por Portugal, o que pode estar relacionado a fatores como a língua compartilhada, proximidade cultural e acordos institucionais facilitadores, tornando o país um polo atraente para a experiência de mobilidade acadêmica.

Esses aspectos foram fundamentais para a condução e a elaboração da dissertação, visto que o Instituto Federal de Alagoas se inseria diretamente dentro das perspectivas e diretrizes identificadas na pesquisa. A análise das práticas institucionais de internacionalização e as tendências observadas em outros institutos serviram como base para contextualizar o Ifal no cenário nacional, permitindo uma reflexão crítica sobre como as políticas e ações de mobilidade acadêmica estavam sendo implementadas na instituição. Dessa forma, esses elementos forneceram uma estrutura sólida para discutir os desafios e as oportunidades enfrentados pelo Ifal no processo de internacionalização.

Outros elementos importantes da pesquisa também foram destacados, como os acordos de cooperação internacional, conhecidos como Memorandos de Entendimento [*MOUs*], que regulam as parcerias entre instituições e facilitam a mobilidade acadêmica. Além disso, foi analisada a oferta de disciplinas ministradas em outros idiomas, um fator essencial para atrair estudantes e docentes estrangeiros, bem como para promover a internacionalização do currículo.

A pesquisa também avaliou a estrutura física e o quadro de pessoal do setor responsável pelas ações de internacionalização, evidenciando a necessidade de recursos adequados para apoiar essas iniciativas de forma eficaz. Outro ponto relevante foi a existência de portais ou páginas da *web* da instituição disponíveis em língua estrangeira, uma ferramenta crucial para ampliar a visibilidade internacional e facilitar o acesso de estudantes e pesquisadores estrangeiros às informações institucionais [Brasil, 2018].

A análise dos resultados aponta que, embora a rede federal conte com iniciativas de internacionalização, nem todas estão formalmente estabelecidas como parte das diretrizes institucionais. Em algumas instituições, essas atividades ocorrem de maneira pontual e sem regularidade.

A Internacionalização no Ifal: desafios estruturais e perspectivas de mobilidade

O processo de internacionalização no Ifal enfrenta diversos desafios e, em grande medida, reflete os resultados da pesquisa realizada pelo grupo mencionado, sem apresentar grandes alterações ao longo dos anos. Um dos principais aspectos evidenciados é a limitada participação da instituição em programas nacionais de mobilidade acadêmica. Por exemplo, de acordo com a pesquisa feita por Andrade [2021], no âmbito do programa Ciência sem Fronteiras (CsF), entre 2014 e 2016, apenas nove estudantes do Ifal tiveram a oportunidade de participar de intercâmbios internacionais, com destinos como Irlanda, Estados Unidos e Espanha. Entretanto, a ausência de registros consolidados do CsF impossibilitou identificar o número total de participantes oriundos de Institutos Federais. Sem esses dados, perde-se a possibilidade de avaliar com maior precisão o alcance do programa na Rede Federal como um todo e de identificar eventuais desigualdades regionais ou institucionais na concessão das vagas. Assim, a análise acaba limitada às informações específicas do Ifal, restringindo a compreensão sobre o impacto real da política de mobilidade acadêmica nesse segmento educacional.

Além disso, o Ifal registrou uma participação modesta no programa Santander Universidades, que permitiu a mobilidade de quatro estudantes para Portugal e Peru, enquanto em 2015, cinco outros estudantes foram enviados para Argentina e Portugal. Esses números demonstram que, apesar dos esforços pontuais, a internacionalização ainda é um processo incipiente e desigual na instituição, com participação limitada em relação ao potencial de expansão que essas iniciativas poderiam alcançar.

A principal via pela qual o Ifal tem promovido a participação de seus estudantes na mobilidade acadêmica internacional é por meio de acordos de cooperação estabelecidos com instituições de ensino em Portugal. No entanto, esse intercâmbio tem ocorrido de maneira unilateral, com o Ifal enviando estudantes, mas não recebendo alunos estrangeiros em contrapartida.

Ao longo dos anos, diversos estudantes foram beneficiados por essa estratégia de mobilidade, alguns contando com o apoio financeiro da própria instituição, enquanto outros arcaram com os custos de forma independente. Esse modelo, apesar de contribuir para a internacionalização da formação acadêmica, revela uma oportunidade não plenamente explorada, já que a ausência de um fluxo bidirecional limita o potencial de trocas culturais e acadêmicas mais abrangentes. Assim, o fortalecimento desses acordos e a busca por maior reciprocidade no recebimento de estudantes estrangeiros poderiam ampliar significativamente os benefícios dessa iniciativa para a comunidade acadêmica do Ifal.

A mobilidade *incoming* no Ifal começou a ganhar forma apenas nos últimos anos, sendo viabilizada principalmente por meio de um termo de cooperação firmado com a AFS Intercultura Brasil (American Field Service), uma organização não governamental e sem fins lucrativos. A AFS tem como missão promover a educação intercultural por meio de programas de intercâmbio, oferecendo aos estudantes estrangeiros a oportunidade de vivenciar diferentes culturas.

No caso específico do Ifal, o objetivo desse tipo de mobilidade é proporcionar a socialização cultural dos participantes, que são estudantes do ensino médio, permitindo que eles se integrem ao ambiente acadêmico e social da instituição, ao mesmo tempo em que têm a oportunidade de aprender a língua portuguesa em um contexto imersivo. Embora esse tipo de mobilidade não esteja diretamente relacionado à troca acadêmica, como ocorre nos programas tradicionais de intercâmbio, ele cumpre um papel fundamental na promoção do diálogo intercultural e no enriquecimento do ambiente educacional, ao trazer novas perspectivas culturais para dentro do *campus*. No entanto, há espaço para expandir essa iniciativa, incentivando a participação de um número maior de estudantes e fortalecendo as políticas institucionais de recepção e integração de estrangeiros.

É importante destacar que, durante o período da pesquisa, o Ifal contava com um setor específico para lidar com a internacionalização, a Coordenação de Relações Internacionais [CRI]. No entanto, essa coordenação enfrentava limitações significativas, uma vez que dispunha de apenas um servidor responsável por gerir todos os trâmites relacionados à internacionalização da instituição. Esse cenário sobrecarregava o único servidor, que tinha que lidar com uma ampla gama de atividades, desde a elaboração e manutenção de acordos de cooperação internacional até a organização de processos de mobilidade acadêmica, tanto *incoming* quanto *outgoing*.

A falta de uma equipe mais robusta comprometia a capacidade do setor de atender à crescente demanda por iniciativas de internacionalização, dificultando a implementação de estratégias mais amplas e efetivas. Além disso, essa limitação restringia o potencial da CRI em estabelecer novas parcerias, promover oportunidades de intercâmbio, e apoiar de maneira mais estruturada tanto os estudantes quanto os servidores envolvidos nesses programas. Para que o Ifal possa ampliar e consolidar suas ações de internacionalização, é crucial o fortalecimento da CRI, com a alocação de mais recursos humanos e técnicos, permitindo um desenvolvimento mais sustentável e eficaz do setor.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, com o intuito de explorar e compreender de forma aprofundada o conceito de internacionalização, com foco particular no Ifal, especificamente sobre os percursos estudantis de estudantes que fizeram a mobilidade acadêmica internacional. O aprofundamento centrou-se em entender as diversas dimensões desse conceito, suas implicações teóricas e práticas, e como ele é experienciado pelos estudantes e pela instituição.

Considerando que a pesquisa adotou um estudo de caso, ele foi estruturado em etapas que permitiram a coleta, análise e interpretação dos dados, buscando identificar os desafios, estratégias e impactos das ações de mobilidade acadêmica e cooperação internacional. Segundo Yin [2015], o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que investiga um fenômeno

contemporâneo dentro de seu contexto real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidas. Essa abordagem foi escolhida pela sua adequação em explorar o processo de internacionalização em uma instituição específica, permitindo uma análise aprofundada das dinâmicas institucionais e das experiências dos participantes. Além disso, a triangulação de dados foi empregada para assegurar a validade dos resultados, integrando diferentes fontes de informação, como entrevistas, documentos institucionais e dados quantitativos, o que possibilitou uma compreensão mais abrangente e precisa das ações de internacionalização e seus impactos.

Inicialmente, foi realizada uma análise documental, a partir de documentos oficiais e relatórios fornecidos pelo Fórum de Relações Internacionais (Forinter) e pela Câmara de Relações Internacionais do Conselho de Reitores dos Institutos Federais (Conif). Esses materiais foram essenciais para mapear as diretrizes nacionais de internacionalização e comparar com as práticas adotadas pelo Ifal. Documentos internos da Coordenação de Relações Internacionais (CRI) do Ifal também foram analisados para compreender como a instituição tem se posicionado frente às políticas de internacionalização.

É importante destacar que a pesquisa foi devidamente registrada na Plataforma Brasil, em conformidade com a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 [Brasil, 2016], que regulamenta as diretrizes éticas para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), assegurando que todas as etapas do estudo, desde a coleta de dados até a análise, seguissem rigorosamente os padrões éticos exigidos para a proteção dos participantes e a integridade dos resultados. O Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) recebeu o número 45040921.1.0000.5011, e o parecer aprovado foi o de número 4.744.718, emitido em 31 de maio de 2021.

A coleta de dados para a análise qualitativa foi realizada por meio de entrevistas individuais *online*, previamente agendadas. Com o consentimento dos participantes, identificados pelas letras de A a G e a responsável pela instituição, pelo símbolo Ω, as entrevistas foram conduzidas com perguntas estruturadas para garantir a consistência na abordagem dos temas. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas de forma completa pela pesquisadora, registrando detalhes como risos, choro e hesitações, a fim de captar as *nuances* presentes nas interações.

A análise dos dados foi realizada de acordo com a abordagem proposta por Yin [2018], que enfatiza a importância da categorização de informações coletadas em entrevistas. Segundo Yin, a organização dos dados em categorias permite uma interpretação mais sistemática e estruturada, facilitando a identificação de padrões e temas relevantes. Nesse sentido, os dados foram examinados a partir de cinco eixos principais: adaptação cultural, aspectos relacionados ao ensino, dificuldades enfrentadas durante a mobilidade, vantagens proporcionadas pela experiência e o desenvolvimento da cidadania global. Além disso, foram definidas subcategorias para uma análise mais detalhada, conforme apresentado no Quadro 1 [Andrade, 2021].

Quadro 1. Categorias, Subcategorias e Perguntas da entrevista

Categoria	Subcategoria	Perguntas da entrevista
Acolhimento/adaptação cultural	Acolhimento em Portugal	Como foi seu acolhimento em Portugal?
	Ambientação com o clima	Como foi a sua ambientação com o clima?
	Ambientação com a culinária	Como foi a sua ambientação com a culinária?
	Choque cultural	Houve algum choque cultural? Você, em algum momento mostrou algum aspecto da nossa cultura a eles?
	Preconceito por ser brasileiro[a]	Você sentiu algum preconceito por ser brasileiro[a]?
Ensino	Aproveitamento das disciplinas	Como você avalia o aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades realizadas durante a mobilidade e as do seu curso no Ifal?
	Uso de língua estrangeira	Você teve alguma necessidade de usar alguma língua estrangeira? Qual?
	Atividades extracurriculares	Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade?
	Atividades desenvolvidas ao retornar ao Brasil	Você desenvolveu alguma atividade referente à mobilidade ao retornar ao Brasil?
	Diferença da maneira de ensinar entre as instituições	Você acha o ensino no Ifal diferente do ensino na instituição que você estudou? Se sim, em que aspectos?
	Participar de uma outra mobilidade acadêmica	Você faria uma mobilidade acadêmica novamente?
Pontos negativos da mobilidade	Saudade da família	Como você mitigava a saudade da família?
	Aspecto financeiro	O auxílio da instituição foi suficiente para sua estadia no exterior?
Pontos positivos da mobilidade	Amizade com estrangeiros	Você fez amizade com estudantes estrangeiros durante a mobilidade? A amizade continua?
	Mudança na vida pessoal	Você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade?
	Contribuição para a vida acadêmica/profissional	Ao retornar ao Brasil, você desenvolveu algum projeto relacionado com o que você cursou na mobilidade? A mobilidade atendeu à suas expectativas?
Cidadania Global	Ser cidadão global	Você se considera um cidadão global?

Fonte: Andrade [2021]

Essas temáticas, extraídas das respostas dos participantes, forneceram subsídios para alcançar os objetivos da dissertação, revelando as razões pelas quais os estudantes optam por participar da mobilidade acadêmica internacional, mesmo enfrentando obstáculos culturais ou financeiros ao longo do processo. A categorização das respostas seguiu os princípios da análise de conteúdo, conforme Bardin [2011], permitindo uma organização sistemática dos dados e facilitando a interpretação das experiências relatadas. Apesar dessas dificuldades, os alunos valorizam a oportunidade de trocar experiências, adquirir novos conhecimentos sobre a globalização do mercado de trabalho e ampliar sua compreensão da diversidade cultural.

Impactos da Mobilidade Acadêmica: Reflexões dos Estudantes do Ifal sobre suas Experiências

A mobilidade acadêmica internacional oferece aos estudantes do Ifal uma oportunidade de enriquecimento acadêmico, pessoal e cultural. Essa experiência tem gerado impactos transformadores, ampliando suas perspectivas sobre o mundo, a educação e suas identidades. Este estudo analisou os impactos dessa vivência, considerando o desenvolvimento de novas habilidades, a ampliação de horizontes e a valorização da diversidade cultural. Também foi levantada a questão dos benefícios institucionais, destacando a importância de compreender como o Ifal pode aproveitar esse intercâmbio para seu próprio crescimento e internacionalização.

Os sete alunos que participaram da pesquisa relataram os impactos dessa experiência em suas vidas. Suas falas revelam não apenas o aprendizado acadêmico, mas também transformações pessoais significativas. Um dos entrevistados destacou como a oportunidade de vivenciar outra cultura ampliou suas perspectivas: “Experiência de ir a outro país, de conhecer outra cultura, de conhecer novas pessoas, de aprender coisas novas, de cursar disciplinas mais avançadas e poder, é... proporcionar mais oportunidades pra mim quando eu voltasse pra o Brasil” [Estudante D]. Outro estudante ressaltou o impacto na sua formação acadêmica e profissional, afirmando: “Eu acreditava que tendo essa experiência no exterior, haveria um enriquecimento pessoal, cultural e histórico, principalmente pelo país se tratar de Portugal, pelo vínculo da história” [Estudante G]. Essas vozes são só pequenos exemplos do papel fundamental da mobilidade na formação de indivíduos mais críticos e preparados para os desafios contemporâneos.

O primeiro quesito analisado nas entrevistas foi o acolhimento e a adaptação cultural dos estudantes durante a mobilidade acadêmica. De modo geral, os alunos relataram que não enfrentaram dificuldades no acolhimento, tanto por parte do país quanto da instituição de ensino onde estudaram. No entanto, a adaptação cultural apresentou desafios inesperados. Todos os entrevistados mencionaram que sentiram um choque ao perceber que os portugueses, em sua visão, tendiam a ser mais impacientes e conservadores. Um dos estudantes refletiu sobre essa experiência ao afirmar:

É importante a gente entender que quando a gente vem para um país estrangeiro, a gente precisa se desapegar um pouco do que é o nosso país, do que a gente tem como costumes e tentar entender o que são os costumes deles. Acho que você costuma ter muitos problemas quando você que estar preso na sua tradição e não aceita que aquele país pensa de uma forma diferente. [Estudante F]

Em contrapartida, muitos estudantes estrangeiros demonstraram grande interesse pela cultura brasileira, o que foi uma oportunidade para os alunos do Ifal compartilharem elementos marcantes de sua identidade, especialmente por meio da música e da culinária, formas pelas quais fizeram questão de representar o Brasil.

[...] sempre eram organizados os trabalhos, seminários, onde os alunos estrangeiros, eles eram, como eu posso dizer, estimulados a apresentar as características de certos acontecimentos no seu país, como ocorria no seu país. Então, isso era uma troca muito boa, tanto para si como para cada estudante que fosse de uma cidade diferente, mesmo sendo de Portugal, então, isso era meio que um mega encontro de pessoas de diversos locais, e você ia tendo uma macro visão de vários acontecimentos diferentes. [Estudante G]

Quando questionados sobre o ensino, os estudantes destacaram a importância dessa dimensão em suas experiências de mobilidade, especialmente em termos de ganhos profissionais. De maneira unânime, eles afirmaram que o ensino no Ifal não deixou nada a desejar em comparação com as instituições estrangeiras, ressaltando que se saíram muito bem em suas atividades acadêmicas devido ao nível de preparação oferecido pelo Ifal. No entanto, todos apontaram a carência de estrutura na instituição de origem, mencionando, principalmente, a falta de laboratórios específicos que poderiam aprimorar a prática acadêmica em áreas técnicas. Outro ponto levantado pelos alunos foi a chamada "síndrome do vira-lata": apesar de terem boas notas no Brasil muitos deles não acreditavam que seriam capazes de se destacar no exterior, conforme a fala de um dos entrevistados: *"o brasileiro tem um pouco da síndrome do vira lata que a gente se acha insuficiente, que os outros países por serem estrangeiros são superiores"* (Estudante A). Essa insegurança, contudo, foi superada quando perceberam que estavam preparados e, em muitos casos, até mais bem equipados do que imaginavam para lidar com os desafios acadêmicos em outro país.

A subcategoria referente ao aproveitamento de disciplinas cursadas durante a mobilidade também foi um ponto de destaque nas entrevistas. Embora os estudantes tivessem seus planos de estudos aprovados, com as disciplinas previamente definidas para serem cursadas nas instituições estrangeiras, quando retornaram ao Brasil, muitos enfrentaram problemas com o reconhecimento dessas matérias no Ifal. Ouvir a responsável pela instituição de origem foi esclarecedor nesse aspecto, já que foi possível compreender que, mesmo com os planos formalizados, havia uma lacuna na comunicação entre as instituições, resultando na não computação de algumas disciplinas. De acordo com a Entrevistada Ω, é necessário *"avaliar se o plano de estudo dele é coerente, é uma avaliação técnica, criteriosa, para saber se aquilo vai ser proveitoso para o aluno e quando ele já está lá pra finalizar o curso dele"*. Essa situação gerou frustração para os alunos, que esperavam um processo mais alinhado e harmonioso entre as partes envolvidas.

Os entrevistados também ressaltaram a importância do domínio da língua inglesa durante suas experiências de mobilidade acadêmica. Todos concordaram que o aprendizado dessa língua é essencial para a comunicação no exterior, mesmo em países de língua portuguesa. A fluência em inglês foi vista como um "capital", uma habilidade indispensável não apenas para facilitar o contato com estudantes de diversas nacionalidades, mas também para impulsionar o desenvolvimento acadêmico e profissional. Conforme [Niño-Murcia \(2003, p. 138, tradução da pesquisadora\)](#) ratifica, "a ideologia da língua iguala o idioma à moeda e, como algumas moedas são mais valorizadas do que outras, os falantes preferem o inglês como moeda linguística". Essa passagem corrobora a fala de um dos estudantes, que afirmou:

O inglês me ajudou bastante, as pessoas me olhavam até com um olhar diferenciado. Eu cheguei a ter uma situação de uma portuguesa vir me perguntar: você é brasileiro, mas você é um brasileiro rico, né, porque você fala inglês. (Estudante G)

Muitos dos alunos entrevistados expressaram o desejo de ter mais oportunidades de aprendizado de inglês no Ifal, reconhecendo que um maior investimento nesse aspecto poderia prepará-los ainda melhor para situações internacionais. Alinhado a essa demanda, a responsável pelo Ifal, durante a entrevista, destacou que o fortalecimento do ensino de inglês deveria ser uma das prioridades da instituição, apontando para o fortalecimento do centro de idiomas como um objetivo estratégico.

Foi observado que os estudantes em mobilidade participaram de diversas atividades extracurriculares nas instituições estrangeiras, aproveitando ao máximo as oportunidades

oferecidas. No entanto, ao retornarem ao Brasil, não conseguiram transferir ou compartilhar de forma eficaz as experiências adquiridas com a comunidade acadêmica do Ifal. Esse desafio aponta para uma lacuna no processo de integração das vivências dos alunos de volta à instituição de origem. A esse respeito, a fala da servidora do Ifal destacou a necessidade de repensar o caráter do programa de mobilidade da instituição, sugerindo que ele deve estar mais alinhado a projetos de iniciação científica ou à continuidade de projetos já existentes. Esse enfoque permitiria maior articulação entre as experiências internacionais e os projetos acadêmicos locais, garantindo que os ganhos obtidos no exterior sejam devidamente aplicados e disseminados no Ifal. Quanto a isso, a servidora do Ifal afirma:

Então, a ideia também é ter uma mobilidade onde o aluno que vá, ele tenha aqui um orientador dessa mobilidade na área dele. Então se o aluno quiser se candidatar para o nosso processo de mobilidade, ele tem que ter, não só o plano de estudo que a universidade fora exige, mas ele também tem que ter uma proposta de desenvolvimento complementar, ou de um estágio, ou de um projeto de pesquisa e aí com o aval do coorientador. [Entrevistada Ω]

Considerações finais

Este artigo buscou destacar aspectos essenciais que fomentam uma reflexão sobre a mobilidade acadêmica. Vale mencionar que ele é resultado de uma dissertação, que oferece um estudo muito mais detalhado sobre o tema. A pesquisa aprofundada permite uma compreensão rica das experiências dos estudantes, analisando os benefícios e desafios da mobilidade acadêmica.

Assim, as reflexões dos estudantes do Ifal sobre suas experiências de mobilidade acadêmica revelam uma jornada rica e multifacetada, marcada tanto por desafios quanto por conquistas. Os relatos demonstram que, apesar das dificuldades enfrentadas, os benefícios da experiência foram significativos. Esses impactos, tanto positivos quanto negativos, contribuem para uma compreensão mais profunda do valor da mobilidade acadêmica na vida dos estudantes.

Vale destacar que há alguns pontos negativos mencionados pelos estudantes no decorrer desse processo, como a saudade da família e o alto custo financeiro associado à estadia no exterior. No entanto, os aspectos positivos foram amplamente destacados, com unanimidade entre os participantes em relação ao fortalecimento de amizades e ao amadurecimento pessoal, que se mostraram como os maiores ganhos dessa experiência.

Além das vantagens pessoais que os alunos experimentam, essa prática traz benefícios importantes para o Ifal e outras instituições de ensino. Essas iniciativas podem ser aproveitadas para fortalecer a internacionalização, indo além da mobilidade estudantil e integrando essas vivências no dia a dia acadêmico. Ao adotar uma perspectiva global nas práticas pedagógicas, o Ifal tem a chance de preparar não apenas os alunos que participam dos intercâmbios, mas toda a comunidade acadêmica, tornando a internacionalização uma experiência acessível e enriquecedora para todos.

Referências

ALTBACH, P. G. Globalisation and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, v. 10, n. 1, p. 3-25, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1080/13583883.2004.9967114>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13583883.2004.9967114>. Acesso em: 7 nov. 2025.

ANDRADE, C. C. R. V. **Percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas**. 2021. 207 f. Dissertação [Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas] – Universidade do Minho, Braga, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/76810>. Acesso em: 7 nov. 2025.

ARTUÇ, E.; DOCQUIER, F.; ÖZDEN, Ç.; PARSONS, C. **A global assessment of human capital mobility: the role of non-OECD destinations**. Washington, DC: World Bank, Development Research Group, Trade and International Integration Team, 2014. [Policy Research Working Paper, n. 6863]. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/c3a81fed-d069-5a36-a34b-c01fb4c75a25/content>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos**, v. 32, n. 2, p. 105-115, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES]. **História e missão**. Brasília, 2011a. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011**. Brasília, DF: Presidência da República, 2011b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2011/decreto-7642-13-dezembro-2011-611999-normape.html>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 9.784, de 7 de maio de 2019**. Declara a revogação, para fins do disposto no art. 16 da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, e no art. 9º do Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019, de decretos normativos. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2019/decreto-9784-7-maio-2019-788080-publicacaooriginal-157879-pe.html>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Levantamento das ações de internacionalização e resultados do GT de políticas de internacionalização**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/maio-2018-pdf/87481-acoes-de-internacionalizacao/file>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministro da C&T lança o programa Ciência sem Fronteiras. **CAPES**, 26 jul. 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/ministro-da-cat-lanca-o-programa-ciencia-sem-fronteiras>. Acesso em: 14 ago. 2025.

CONSELHO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (CONIF). **Livreto comemorativo: 10 anos Institutos Federais**. 2018. Disponível em: https://portal.conif.org.br/images/Docs/estudos/livreto_final_v5.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

DE WIT, H. Internationalization of higher education: Nine misconceptions. **International Higher Education**, n. 64, p. 1-6, 2011. DOI: <https://doi.org/10.6017/ihe.2011.64.8556>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8556/8321>. Acesso em: 14 set. 2024.

DE WIT, H.; HUNTER, F. Understanding internationalisation of higher education in the European context. /n: EUROPEAN PARLIAMENT. Directorate-General for International Policies. Policy Department B: Structural and Cohesion Policies. **Internationalisation of higher education**. Brussels: European Parliament, 2015. p. 41-58. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/1b743fec-8b6c-45c2-aa9e-2fdf0967757b/language-en>. Acesso em: 14 set. 2024.

FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? /n: BARBOSA, L. [coord.]. **Cultura e diferença nas organizações: reflexões sobre nós e os outros**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 89-115.

HUDZIK, J. **Comprehensive internationalization: from concept to action**. Washington, D.C: NAFSA, Association of International Educators, 2011.

KNIGHT, J. Updated definition of internationalization. **International Higher Education**, n. 33, p. 2-3, 2003. DOI: <https://doi.org/10.6017/ihe.2003.33.7391>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7391>. Acesso em: 11 nov. 2025.

LEASK, B. Internationalizing the curriculum and all students' learning. **International Higher Education**, n. 78, p. 5-6, 2014. DOI: <https://doi.org/10.6017/ihe.2014.78.5798>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/5798>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MOROSINI, M. C. Como internacionalizar a universidade: concepções e estratégias. /n: MOROSINI, M. [org.]. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 11-27.

NIÑO-MURCIA, M. English is like the dollar: hard currency ideology and the status of English in Peru. **World Englishes**, v. 22, n. 2, p. 121-142, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-971X.00283>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-971X.00283>. Acesso em: 14 set. 2024.

STALLIVIERI, L. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 26, n. 50, p. 15-36, 2017a.

STALLIVIERI, L. Internacionalização da educação superior em contextos [des]favoráveis. /n: CONFERÊNCIA BINACIONAL DE EDUCAÇÃO, Rivera, Uruguai, 4-6 set. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340634591_INTERNACIONALIZACAO_DA_EDUCACAO_SUPERIOR_EM_CONTEXTOS_DESFORAVEIS. Acesso em: 14 set. 2024.

STALLIVIERI, L. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017b.

WACHTER, B. An introduction: Internationalisation at home in context. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 1, p. 5-11, 2003. DOI:

<https://doi.org/10.1177/1028315302250176>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315302250176>. Acesso em: 14 set. 2024.

YIN, R. K. **Case study research and applications**: design and methods. 6. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA

ABNT: ANDRADE, C. C. R. V. Internacionalização na Educação: o papel do Ifal na mobilidade acadêmica e seus impactos na formação dos estudantes. *Vértices [Campos dos Goitacazes]*, v. 27, n. 1, e27123462, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n12025.23462>. Disponível em:

<https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23462>.

APA: Andrade, C. C. R. V. [2025]. Internacionalização na Educação: o papel do Ifal na mobilidade acadêmica e seus impactos na formação dos estudantes. *Vértices [Campos dos Goitacazes]*, 27(1), e27123462. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n12025.23462>.

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Carla Cristina Real Vieira de Andrade - Mestra em Educação pela Universidade do Minho [UMinho], Portugal. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas [IFAL] *Campus Satuba/AL* - Brasil. E-mail: carla.vieira@ifal.edu.br.

FINANCIAMENTO

A autora declarou não ter tido financiamento externo para a pesquisa que originou deste artigo.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

O estudo foi avaliado pelo CEP da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas [UNCISAL]. O Certificado de Apresentação para Apreciação Ética [CAAE] recebeu o número 45040921.1.0000.5011, e o parecer aprovado foi o de número 4.744.718, emitido em 31 de maio de 2021.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora não declarou haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

A autora não declarou o uso de ferramentas de inteligência artificial generativa na pesquisa e na escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Este documento é protegido por Copyright © 2025 pela Autora

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.

NOTAS

Este artigo baseia-se na dissertação de mestrado de [Andrade \[2021\]](#), defendida na Universidade do Minho, que analisou a trajetória de sete estudantes do Ifal em mobilidade acadêmica internacional em Portugal, explorando os impactos dessa experiência e o processo de internacionalização no Ifal.

Este artigo faz parte do Dossiê Temático “Revisitando a internacionalização: discussões e desafios sobre políticas de internacionalização na educação” selecionado no Edital n. 77/2024 para publicação na Vértices.